

# LITERATURAS DESLOCADAS<sup>1</sup>

Jacques DERRIDA<sup>1</sup>

Escolher seu lugar, mover-se livremente, eis o direito que nosso mundo recusa cada vez mais aos escritores. Uma vez mais, contra a proibição, nós queremos *dizer* o *lugar* da literatura, seu lugar *neste momento*. Que as literaturas tenham lugar. Um *novo espaço literário* abriu-se e seus desafios, hoje, estão menos do que nunca reservados, na forma abstrata, clássica ou menos clássica, à filosofia ou à ciência, à poética ou à teoria literária. Os deslocamentos de que devemos falar, cujos exemplos são por demais numerosos, transformam-se também em questões de vida ou de morte. A cada dia, eles dizem respeito ao corpo das obras e ao corpo dos escritores.

Para tantos criadores, conhecidos ou não, o que significa *hoje* este deslocamento que consiste tão freqüentemente a *não ter mais lugar*? Trata-se de ser *atirado* à morte ou *retirado* de seu país sob ameaça de prisão, de tortura, de execução ou de assassinato. Para escrever e falar livremente, muitos homens e mulheres são obrigados a abandonar os lugares de sua língua e de sua memória. Eles passam a fronteira ou são presos onde estão, emparedados “em casa”, dentro da noite de um cubículo doravante confinado à cela ou à residência vigiada. E, para aceder à luz do espaço público, com a surda resistência de uma literatura clandestina ou críptica, ocorre também que outros lugares, lugares da retórica desta vez, tornam-se o último recurso para enganar a censura.

Será algo inédito? Em que aspecto e em que medida? O que estaria acontecendo de *novo*, hoje, com a literatura ou, mais precisamente, com a relação entre a literatura e o lugar. Partimos de

---

<sup>1</sup> Littératures déplacées. *Autodafe* (La Revue du Parlement International des Écrivains), Barcelona / Atenas / Paris / Milão / Nova York, v. 1, p. 61-63, outono 2000. Tradução de Marcos Siscar.

<sup>1</sup> Nascido em 1930, na Argélia, Jacques Derrida é um dos intelectuais mais prestigiados do século XX. Foi professor de filosofia na França e nos Estados Unidos, tendo recebido diversos prêmios, entre eles o Prêmio Adorno (Frankfurt). Produziu trabalhos importantes em várias áreas das ciências humanas e das artes. Em sua extensa obra, traduzida para diversas línguas, destacam-se livros como *A Escritura e a Diferença* (1967), *Da Gramatologia* (1967), *Glas* (1974), *Cartão Postal* (1980), *Espectros de Marx* (1993), *Vadios* (2003). (N. do E.)

uma hipótese: algo de *novo* acontece *aí*, pois uma certa repetição não exclui, muito pelo contrário, a invenção de violências inéditas que concernem *ao lugar*, àquilo que ocorre e se desloca *aí onde* uma certa escritura tem lugar. Para responder à irrupção desta novidade, é necessário manter em memória e analisar todas as analogias. Antes de qualquer “movimento literário”, há um outro movimento que pulsa, mas também expulsa e persegue uma certa literatura. Não toda a literatura, claro, não aquela que é celebrada a partir do momento em que presta serviço ou oferece espelho à identidade de um grupo, de um Estado, de uma nação, de uma religião, de uma língua ou qualquer outro poder instituído. Mas sempre foi mal tolerada aquela que, em parte por conta própria, questiona um tal estatuto ou uma tal missão, como se ela tivesse lugar apenas onde o lugar lhe é recusado, pelo menos o lugar do repouso, a sedentariedade, a gregaridade ou a raiz. Por isso, a existência de tantos fenômenos típicos que escandem a história da literatura, na sua própria modernidade: literaturas em êxodo, literaturas no exílio, literatura no exterior, literaturas estrangeiras em sua própria língua, literaturas nômades, literaturas clandestinas, literaturas de resistência, literaturas proibidas, literaturas fora da lei e fora do lugar. Lugares proibidos, bem além do exemplo acadêmico de “Platão-e-os-poetas-expulsos-da-cidade”, eis o que se quis comunicar às literaturas ao deslocá-las infinitamente, como se se tratasse, simplesmente, ao privá-la de tomar lugar, de impedi-la de advir ou, dito de outro modo, de ter lugar. Este fenômeno não é novo, certamente, mesmo que talvez ainda falte escrever sua história de outro modo (o que seria, também, uma de nossas tarefas). Ele pode ser atestado por um arquivo insuspeitável. A censura, o anátema, a excomunhão, a ameaça de morte ou de prisão, tais são as figuras de uma tal violência que empurra tantos escritores de um lado para outro de uma fronteira e, por vezes, para o exílio em seu próprio país. Desde que tiveram lugar, se podemos dizer, as literaturas passaram por dificuldades para serem aceitas, dentro dos próprios espaços nos quais pareceriam ter nascido, dentro das culturas, dos países, das nações, dos Estados de que falavam, já passando seus limites e já forjando sua língua. O que acontece, então, com a literatura? Até que ponto, nesse sentido, ela partilha um destino comum com a palavra ou a escritura livres, em geral, na ordem do pensamento, da filosofia, da arte ou da ciência? Ou na ordem do “intelectual”, em geral, que o novo lugar do saber e de sua mediatização nas

sociedades modernas designa tão freqüentemente como fonte de poder potencial, uma vez que ela permanece rebelde à exploração, que ela permanece crítica, como um alvo privilegiado? Esta partilha dita para nós, certamente, as mesmas responsabilidades, as mesmas solidariedades e os mesmos atos de resistência. E nós não fugiremos a eles. Porém, será que não devemos também procurar pensar a especificidade mais aguda dos problemas anunciados, hoje, sob o nome preciso de literatura?

Será preciso elaborar essas questões, enriquecê-las e diversificá-las, na medida das próprias histórias, culturas e línguas. Será preciso, sobretudo, colocá-las à prova da singularidade das obras e dos acontecimentos. Estas questões solicitam que levemos em conta o fundo mais antigo. É preciso lembrar a própria repetição dessa história para analisar e combater *hoje as novas* formas de perseguição que se refinam de um continente a outro. Por meio de todas as figuras da autoridade, múltiplos poderes se servem de armas e de alegações tradicionais, mas também de técnicas e de procedimentos inéditos. Essas técnicas e procedimentos ajustam-se sem demora àquilo que transforma radicalmente o espaço público, a edição, as mídias, a diplomacia, o direito internacional, a organização dos Estados, o mercado – ou seja, conflitos tanto físicos quanto simbólicos: as guerras teológico-políticas, as guerras inter-étnicas, as guerras econômicas e, bem entendido, por meio de todas essas mutações, a guerra das línguas e as guerras dentro da língua. Violências inquisitoriais sem precedente incidem sobre aqueles e aquelas que, em toda parte e sob formas as mais diversas, resistem à opressão física ou simbólica, contestam os dogmatismos e protestam em nome de um outro pensamento, de uma outra experiência da obra e da língua, da obra de língua.

Em que essas perseguições trazem também a marca de nosso tempo? Por que, entre as vítimas eleitas, passamos a encontrar tantos escritores? Por que, para tantos homens e mulheres, a palavra pública se inscreve na ficção romanesca, no poema, na invenção de novas formas literárias? Reelaborar questões deste tipo é um modo de preparar novos conceitos e novas estratégias para uma resistência internacional. Essa resistência, hoje, não pode mais se reduzir às formas, por veneráveis que sejam, de um cosmopolitismo regrado pelos conceitos tradicionais do autor, do cidadão (o escritor cidadão do mundo), do Estado e da nação, por exemplo em uma República das Letras ou um Comitê de vigilância dos escritores antifascistas.

Em sua história tão rica e tão complexa, o próprio valor de *tolerância* não é mais suficiente. E nós invocaremos um outro conceito de *hospitalidade*.

A melhor homenagem que se pode prestar a essas grandes testemunhas do passado está em não se contentar com celebrá-las. A urgência é outra. É preciso (mas conseguiremos?) *responder* – e diferentemente: responder de outro modo *a* outras ameaças e responder também *por* aquilo que se escreve, em mais de uma língua, como uma outra história.